

O CAMINHAR COMO MEIO PARA O TRATAMENTO TÊXTIL E POÉTICO DE UM FIGURINO

FABRÍZIO DE SOUZA RODRIGUES¹; EDUARDA DE AZEVEDO GONÇALVES²

¹*Universidade Federal de Pelotas – Artes Visuais (Mestrado Acadêmico) –
fabrizio_rodrigues@yahoo.com.br*

²*Universidade Federal de Pelotas – dudagon@terra.com.br*

1. INTRODUÇÃO

O presente relato discorre sobre o processo da minha pesquisa em Poéticas Visuais pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas e vinculado ao Grupo de Pesquisa Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas (CNPq/UFPel). Tenho como objeto de pesquisa para este relato, a oficina ao qual ministrei na 1^a Semana Acadêmica do Desing de Moda – IFSUL, intitulada: *Intervenção Têxtil: Possíveis tratamentos para um figurino*. A oficina teve como objetivo conhecer e experimentar possíveis tratamentos com materiais convencionais e alternativos para um figurino, além de conhecer as técnicas de tratamentos de tecidos, já utilizadas na minha trajetória de dez anos como figurinista e artista visual. No segundo momento da oficina, realizamos a experimentação de tratamento com materiais convencionais e alternativos, a partir de um deslocamento pelas redondezas da sala de aula. Posteiros ao deslocamento realizaram um mapa cartográfico do local percorrido. Este mapa tem como objetivo interferir no tecido em algodão cru que constituirá, junto a outras estampas industriais, os figurinos do espetáculo dirigido por Carlota Albuquerque, intitulado *Inventário de Seres e Coisas*. Durante a oficina recebi o auxílio do estudante de Artes Visuais – Bacharelado, da Universidade Federal de Pelotas, Bruno Figueirôa, onde apresentou técnicas já utilizadas em trabalhos anteriores na interferência em figurinos.

2. METODOLOGIA

No primeiro momento da oficina, foram apresentadas possíveis técnicas de tratamento, as necessidades do tratamento para o figurino em cena, identificação da necessidade de diferentes tratamentos conforme a necessidade de cada personagem, assim como as interferências da luz cênica no figurino em cena. Nesse momento da oficina me aparei nas técnicas de impressão de tecidos encontrado no livro Que Chita Bacana, e nas técnicas de tinturas naturais de Maria Luciana Busato Bueno. Apresentei as seguintes técnicas de tingimento através dos seguintes materiais: anilina para madeira, corantes direto, tinta para tecido, corantes ácidos, café, chá, terra, beterraba, chocolate, entre outros. Métodos de fixação do tecido também foram abordados, dentre eles os industrializados e alternativos.

Durante a Oficina de Intervenção Têxtil, propus aos participantes que realizassem uma caminhada aos arredores do prédio de Moda, tendo em vista o “olhar de uma criança que acaba de descobrir um tesouro”, tendo como motivadores: plantas, pavimentações, arquitetura, cheiros e sons do lugar. Após o nosso trajeto aos arredores do prédio, dividi os quinze alunos da oficina em três

grupos, e cada grupo recriou o nosso trajeto e discussões, através do desenho e frotagem, a cartografia do caminho percorrido.

Os materiais para a confecção da cartografia tinham como base três partes iguais de tecido em algodão cru, nas medidas de 1,40m de largura por 1,70m de comprimento, os participantes da oficina utilizaram lápis aquarelável, caneta hidrocor, caneta esferográfica, giz de cera e estêncil de letras para ilustrar o mapa cartográfico.

Durante o processo apresentei o pensamento de Rosane Muniz, pesquisadora de moda, ao qual aproximo o meu processo de criação de figurino ao seu pensar artístico, segundo ela: “Para que o figurinista tenha consciência do amplo universo no qual pode situar sua criação, um extenso trabalho de pesquisa se faz necessário a cada espetáculo e ao longo de sua formação” (MUNIZ 2004, p.33). Este olhar direcionado ao mundo lúdico foi peça importante para o processo de criação.

Após a criação do mapa cartográfico, o tecido passará por um tratamento a base de verniz náutico, que irá possibilitar uma imagem envelhecida e impermeável. Depois de dois dias de secagem o mapa cartográfico irá compôr, juntamente com os tecidos com estampas industriais, o figurino do espetáculo *Inventário de Seres e Coisas*. O figurino está sendo todo sustentável, tudo que for resíduo irá se transformar num detalhe, flor ou bordado do figurino ou cenário. O espetáculo tem como objetivo despertar ao público infantil a necessidade e a possibilidade de se reutilizar nossas coisas e descartes do dia a dia.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O caminhar para o processo criativo de criação de uma estampa para figurino, tendo um olhar de criança sugerido aos participantes, despertou diversas relações com o espaço, que para muitos era comum, se tornou um lugar de fadas roxas que pulavam em margaridas amarelas, uma flor que abrigava um hospital para fadas, uma árvore anciã sabedora de seres e conhecimentos, uma lagarta que se alimentava de plantas com espinhos, assim como, caminhos de confetes e tijolos de chocolate (Fig.1).



Figura 1 – Participantes da oficina realizando o trajeto entre sala de aula e floricultura

Fonte: Bruno Figueirôa (2016)

Sobre o caminhar como forma de obtenção do trabalho artístico tenho como principal referencial Francesco Careri, segundo o autor: O caminhar, mesmo não sendo a construção física de um espaço, implica uma transformação do lugar e dos seus significados. A presença física do homem num espaço não mapeado - e o variar das percepções que daí ele recebe ao atravessá-lo - é uma forma de transformação da paisagem que, embora não deixe sinais tangíveis, modifica culturalmente o significado do espaço, e, consequentemente, o espaço em si, transformando-o em lugar. O caminhar direcionado ao olhar de uma criança despertou o universo lúdico aos participantes da oficina.

Durante o percurso, os participantes começaram a despertar um novo olhar para o caminho que percorrem no seu cotidiano. As calçadas naquele instante eram de confetes e barras de chocolate. O caminho de árvores centenárias era o portal para o “Reino das Fadas”. Chegando ao jardim que abrigava a floricultura, pedi para que cada um se posicionasse em frente a uma espécie de planta e fechassem os olhos. Um a um, eu fui tocando no ombo, e eles narravam através do olhar lúdico de uma criança a funcionalidade daquela planta no universo que eles estavam a criar.

Durante o percurso até a floricultura eu ia instigando aos participantes questões de como era este novo lugar, enquanto o colega de oficina, Bruno Figueirôa, realizava anotações das falas dos participantes.

Segundo as anotações provindas das falas dos participantes da oficina, despertada através do caminhar pelos jardins dos campus:



Figura 2 - Reino das Fadas
Fonte: Bruno Figueirôa (2016)

“O adentrar ao mundo das fadas (Fig.2) se dava a partir de uma fileira continua de grandes e velhas árvores. (...) As estradas eram feitas de tabletas de chocolates, M&M’s estavam espalhados por todas as partes, as fadas voavam soltas e felizes por toda essa atmosfera. As árvores frutíferas tinham novas espécies de frutas, os animais que ali viviam protegiam aquele lugar, e entre esses animais existia o vilão do reino das fadas: a lagarta (...).”

Continuando nessa caminhada exploratória, adentramos ao ambiente onde se encontra a principal concentração de flora do reino das fadas, cada planta e cada flor que ali viviam, tinham poderes distintos sobre as fadas. Flores que serviam de entretenimento, flores que traziam o amor, flores que traziam alegria, flores que curavam, flores que serviam de hospitais para os moradores do reino, até mesmo flores que davam poderes para lagarta do mau. Todas as flores tinham formatos, tamanhos, cores e peculiaridades distintas.”

Após a visita à floricultura, narrado logo acima pelo meu parceiro de oficina, retornamos à sala de aula e iniciamos as interferências no algodão cru. A turma foi dividida em três grupos, cada grupo, tendo como referência a experiência do

caminhar como obtenção do trabalho artístico , deveriam transpor para o tecido o universo infantil, pedi a eles que lembressem das garatujas e resgatassem a memória de seus desenhos de criança (Fig. 3).

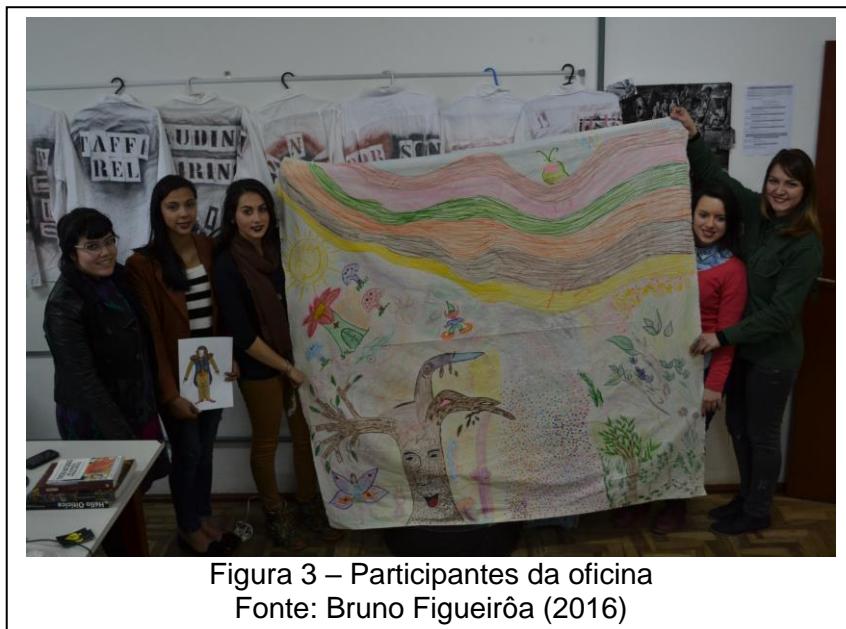


Figura 3 – Participantes da oficina
Fonte: Bruno Figueirôa (2016)

4. CONCLUSÕES

Este processo de criação compatilhada de uma estampa para figurino se deu através da caminhada pelos jardins que circundam o prédio do Curso de Moda. O universo construído e representado através dos mapas cartográficos estarão em cena, a partir de setembro de 2016, nos figurinos do espetáculo *Inventário de Seres e Coisas*. A criação da oficina, tendo o caminhar como forma de obtenção do trabalho artístico, foi de suma importância para aguçar o senso criativo e poético de todos que participaram do processo de criação da interferência têxtil.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUENO, Maria Luciana Busato. **Tintas naturais uma alternativa à pintura artística/** Maria Luciana Busato Bueno. – 2.ed. – Passo Fundo: Ediupf, 1998.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes:** O Caminhar como Prática Estética. Barcelona: Gustavo Gili, 2013.
- MELLÃO, Renata. **Que chita bacana.** São Paulo: Ed. A Casa-Casa Museu do Objeto Brasileira, 2005.
- MUNIZ, Rosane. **Vestindo os nus:** figurino em cena. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2004.